

# Almirante Henrique da Silva Horta

## Alma de Marinheiro, líder carismático, trato de diplomata

«Um navio de vela tem muita beleza própria, não se desactualiza e é o único que pode representar, sem ser objecto de comparações melindrosas, a pequena Marinha de um país pequeno, num porto de um qualquer país, grande e poderoso»<sup>1</sup>.

Filho de Henrique Guilherme Bastos Horta e de Armandina Augusta da Silva, o Vice-almirante Henrique Afonso da Silva Horta nasceu em Lisboa a 21 de setembro de 1920. Depois de viver boa parte da infância e juventude em Lourenço Marques, Moçambique, regressou a Lisboa onde completou os estudos secundários no liceu *Pedro Nunes*. Como era prática naquela época, «assentou praça no Exército como soldado cadete» em 31 de julho de 1940. Foi posteriormente transferido para o serviço da Armada, a 16 de Setembro, integrou o curso *D. João IV* da Escola Naval, onde pontificavam nomes como Rogério Silva de Oliveira, Joaquim Soeiro de Brito e Eduardo Serra Brandão. Ainda como cadete, efetuiu na antiga *Sagres*, nome que haveria de se tornar sinónimo do seu navio de eleição, duas viagens de instrução, em 1940 e 1941.

Promovido a guarda-marinha a 16 de setembro de 1943, encetava, pouco depois, um período de embarque de cerca de dois anos, com passagem pelos contratorpedeiros *Douro*, *Tejo* e *Vouga*, pelos avisos *Bartolomeu Dias*, *João de Lisboa* e *Afonso de Albuquerque*, e pela canhoneira *Zaire*, que o levou a paragens como S. Tomé, Angola, Moçambique, Guiné e Cabo Verde.

A 17 de abril de 1945, já segundo-tenente, assumiu o comando do navio patrulha *Santa Maria*, que exerceu até 14 de outubro do ano seguinte, em missão nos Açores. No louvor que lhe foi dado pelo Comandante da Defesa Marítima da Horta, quando concluiu o seu primeiro comando no mar, pode ler-se que «pela competência e desembaraço demonstrados no exercício do seu comando fazem supor ter na sua frente uma brilhante carreira profissional».

No período compreendido entre 1 de novembro de 1946 e 14 de março de 1950, esteve como oficial de guarnição na antiga *Sagres*, primeiro como «encarregado da pilotagem» e, posteriormente, como oficial imediato, sendo ainda de realçar a sua ação enquanto instrutor da Escola de Marinharia, que nessa época funcionava a bordo do navio.

Depois de uma fugaz passagem pela Superintendência dos Serviços da Armada, seguiu para a Guiné, onde a 10 de abril de 1950 assumiu os cargos de Capitão dos Portos e Chefe dos Serviços da Marinha daquela província ultramarina. Promovido a primeiro-tenente a 31 de março de 1953, exerceu aquelas funções durante cinco anos, mais concretamente até 5 de junho de 1955, a que somou ainda, durante cerca de dois anos, a presidência da Câmara

Municipal de Bissau. «Oficial de pequena patente mas com excepcionais qualidades de iniciativa e execução», foi responsável pelo «notável incremento dos serviços e condições de navegabilidade e segurança das embarcações, balizagem e demais assinalamento marítimo», que até então constituíam um «pesadelo para os capitães dos navios que aportavam à Guiné».

Regressou da Guiné para no dia 12 de setembro de 1955 assumir o cargo de oficial imediato do aviso *Gonçalves Zarco*, que exerceu até 7 de maio de 1957. No exercício daquelas funções, importa sublinhar o seu



O Guarda-marinha Silva Horta.

contributo decisivo para a otimização da organização implementada a bordo, que se refletiu «no elevado rendimento militar do navio durante a campanha na Índia», onde o *Gonçalves Zarco* permaneceu cerca de um ano, entre 31 de outubro de 1955 e 26 de setembro de 1956, como resposta do governo português ao bloqueio imposto pela União Indiana. Foi ainda oficial imediato do contratorpedeiro *Douro*, entre julho de 1957 e março do ano seguinte, que acumulou, de passagem, com idênticas funções no aviso *João de Lisboa*.

Completada a frequência do curso de Controle Naval da Navegação, a 14 de março de 1958 regressava de novo ao seu navio de eleição como oficial imediato, cabendo-lhe, desde logo, a importante tarefa de coordenar a preparação da antiga *Sagres* para a segunda edição das regatas organizadas pela *Sail Training Association* (STA). A sua ação, saber e liderança, constituíram triunfos decisivos para que o navio alcançasse o primeiro lugar na regata

Brest/Las Palmas em 1958. O então Primeiro-tenente Silva Horta desempenhou igualmente, por inerência, durante cerca de dois anos e meio, até 29 de outubro de 1960, os cargos de diretor de instrução da Escola de Marinharia e de secretário escolar do Grupo n.º 1 de Escolas da Armada. Promovido a capitão-tenente a 24 de maio de 1959, frequentou em 1960-1961 o Curso Geral Naval de Guerra (CGNG), que terminou como primeiro classificado, tendo, por isso, sido distinguido com o prémio *Almirante Botelho de Sousa*.

Concluído o CGNG, assumiu o comando da antiga *Sagres* no dia 26 de junho de 1961, que oficialmente exerceu até 31 de janeiro de 1962. Em regime de acumulação, entre 1 de novembro de 1961 e 8 de fevereiro de 1962 chefiou a *Missão de Recepção do NE "Guanabara"*, altura em que seguiu para o Brasil na companhia de outros 12 elementos da futura guarnição do atual navio-escola *Sagres*. E foi precisamente à chegada ao Brasil que o então Capitão-tenente Silva Horta viveu o acontecimento mais dramático da sua vida, quando o avião onde viajava se despenhou. Em estado de choque, uma parte dos passageiros que se encontravam na parte traseira do aparelho, nomeadamente os militares portugueses, saíram ilesos. Uma vez a salvo, perceberam que o aparelho em chamas poderia explodir a qualquer momento. Foi assim que, sob a liderança do Capitão-tenente Silva Horta, arriscaram as suas vidas para resgatar os passageiros que se encontravam feridos e presos nos destroços do avião, libertando-os e arrastando-os, por entre as chamas, para um local seguro. Muito antes da chegada das equipas de socorro ao local, o que restava do avião acabou por explodir. Só por essa altura o Capitão-tenente Silva Horta deu conta que aquele seria o dia de maior ventura da sua vida, por muitos anos que vivesse. Recordou então que ainda em Lisboa, depois de tomar o seu lugar, uma senhora lhe tinha vindo perguntar se ele se importava de trocar consigo, uma vez que não se sentia confortável a viajar na parte traseira do avião, ao que ele, gentilmente, acedeu. Importa referir que foi exatamente pelo local onde se havia inicialmente sentado que o avião se partiu, morrendo de imediato todos quantos aí se encontravam. De um total de 88 pessoas que viajavam no voo da *Panair* – 9 tripulantes e 79 passageiros, dos quais 3 eram crianças – só 36 sobreviveram.

Relativamente à ação do Comandante Silva Horta no auxílio dos demais passageiros, o

Arquivo Histórico da Marinha

Coronel Joaquim da Luz Cunha, na altura Adido Militar junto da Embaixada de Portugal no Brasil, escreveu no seu relatório:

«O comportamento do Capitão-tenente Horta durante o desastre e depois dele foi a figura que mais se distinguiu nos primeiros trabalhos de salvamento, dirigindo e actuando com grande perigo da própria vida, pois havia o risco de explosão do avião que pouco depois, de facto, se deu.

Muitas vidas se devem, sem dúvida, à sua acção. Para os seus homens tem sido dum desvelo inextinguível. Todos me fizeram as mais calorosas referências à conduta do Comandante Horta, quer passageiros salvos, quer pessoal do Hospital e da Marinha Brasileira. No noticiário dos jornais têm igualmente sido feitos os maiores elogios ao comportamento do Comandante Horta».

Pelo comportamento corajoso dos seus homens, que permitiu salvar muitas vidas, o Comandante Silva

Horta louvou-os a todos no dia 12 de dezembro. Também ele foi louvado e condecorado pelo Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada, pelo Presidente da República e pelas autoridades brasileiras.

Chegado ao Rio de Janeiro, assumiu de imediato a coordenação, durante três meses, dos trabalhos que decorriam no Guanabara, sempre coadjuvado pelo Primeiro-tenente Vitor Ferreira da Apresentação e pelo Primeiro-sargento António de Sá Oliveira, que já se encontravam no Brasil desde agosto.

Depois de ter sido o último comandante da antiga *Sagres*, a 8 de fevereiro de 1962 o então Capitão-tenente Silva Horta tornava-se no primeiro comandante do atual NRP *Sagres*. Sob seu comando, o navio-escola *Sagres* chegou a Lisboa no dia 23 de junho e ainda nesse ano realizou a primeira viagem de instrução com os cadetes da Escola Naval, curso *Luís de Camões*. No ano seguinte, levou o navio ao norte da Europa. Em St. Malo, o NRP *Sagres* foi distinguido com a medalha de homenagem aos *Cap-Hornier* e em Kiel a *Sagres* recebeu a bordo o primeiro comandante alemão, o *Vize-almirante* Bernard Rogge (1899-1982), que sempre considerou este como o «seu navio».

Nesse mesmo ano, o Chefe do Estado-Maior da Armada, Vice-almirante Roberto e Silva (1903-1987), escrevia a respeito do Capitão-tenente Silva Horta as palavras que abaixo se transcrevem:

«Magnífico oficial cheio de qualidades. Considero-o um dos mais distintos oficiais de que a Armada dispõe, a quem se poderão entregar toda a espécie de missões, por mais complexas que sejam».

Em 1964, depois de em Porto Santo o NRP *Sagres* ter servido de palco à rotação do filme *As Ilhas Encantadas*, protagonizado por Amália Rodrigues (1920-1999), o Capitão-tenente Silva Horta levou o navio a estrear-se nas regatas internacionais organizadas pela STA. No trajeto entre Lisboa e as Bermudas, seguiu a bordo o famoso marinheiro e escritor australiano *Captain* Alan Villiers (1903-1982). Obrigada

de *Guerra Naval*, em Madrid. Foi promovido a capitão-de-fragata a 26 de maio de 1966.

Esteve depois, durante cerca de três anos, colocado no Estado-Maior da Armada (EMA), entre 11 de dezembro de 1967 e 2 de setembro de 1971, primeiro na 1.ª Divisão e, posteriormente, na 2.ª Divisão, sendo que nesta última foi chefe do Serviço de Informações Militares (SIM), muito aproveitando do contacto que manteve com o então Comodoro Manuel Pereira Crespo (1911-1980). Neste mesmo período, assumiu igualmente funções docentes em quatro instituições de referência do nosso país: Instituto Superior Naval de Guerra (5 de novembro de 1968 a 7 de setembro de 1971); Escola Náutica (31 de agosto de 1968 a 1 de outubro de 1971); Instituto de Altos Estudos Militares (11 de março de 1970 a 7 de setembro de 1971); e Escola



As duas *Sagres* que o VALM Silva Horta comandou.

de a desistir por falta de vento, o navio logrou vencer a regata seguinte, entre as Bermudas e Nova Iorque. No ano seguinte, o navio fez a primeira viagem de instrução ao Brasil, levando a bordo os cadetes do curso *Miguel Corte-Real*. Sob seu comando, que cessou a 29 de setembro de 1965, o navio-escola *Sagres* realizou um total de 14 viagens, efetuou 6928 horas de navegação, percorreu 40 606 milhas e embarcou quatro cursos da Escola Naval, sendo que os primeiros três cumpriram duas viagens cada.

de Estudos Superiores da Força Aérea (12 de março de 1970 a 7 de setembro de 1971). Entre 1968 e 1970 foi também, por três vezes, Capitão de Bandeira do paquete *Vera Cruz* (10 de setembro a 22 de outubro de 1968; 5 a 16 de outubro de 1969; e 1 a 13 de outubro de 1970).

Em 1970 foi nomeado representante da Marinha na delegação portuguesa enviada à Exposição Mundial de Osaka, que nesse ano se realizou no Japão, frequentando, no ano seguinte, o curso de Tática Naval para Comandantes e Imediatos dos Escoltadores Oceânicos e Navios Patrulhas e o *Maritime Tactical Course*, na HMS *Dryad*, em Southwick, Inglaterra. Posto isto, no dia 31 de março de 1972 assumiu o comando da fragata *Comandante Sacadura Cabral*, que exerceu até 8 de agosto de 1973. Sob seu comando, o navio apoiou a viagem presidencial que o Almirante Américo Thomaz (1894-1987) efetuou ao Brasil, sendo ainda de realçar que numa outra ocasião, debaixo de mau tempo, salvou o atuneiro *Nuno* e toda a sua tripulação. Efetuaria ainda uma «missão de soberania às províncias africanas», durante a qual praticou portos e fundeadouros em Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, Angola e Guiné, percorrendo cerca de 18 000 milhas. Foi promovido a capi-



O comandante Silva Horta na camarinha do NRP *Sagres*.

A 2 de novembro de 1965, o Capitão-tenente Silva Horta assumiu as funções de adjunto para as informações no Gabinete Militar do Comando-Chefe das Forças Armadas de Angola, onde se manteve até 28 de outubro de 1968, com uma interrupção momentânea, cerca de mês e meio, durante a qual frequentou o curso de Operações Anfíbias na *Escuela*

tão-de-mar-e-guerra a 1 de março de 1973. Pouco tempo depois, dava conta daquilo que considerava essencial para prestar bom serviço a bordo, em grande medida suportado pela sua vasta experiência: «no mar só pode servir bem quando se serve com vontade».

Concluído o quarto e último comando no mar, entre 21 de setembro de 1973 e 8 de

junho de 1974 foi Chefe do Estado-Maior do Comando Naval do Continente. Deixou estas funções para assumir o cargo de Governador de Cabo Verde, que exerceu entre 6 de agosto e 21 de setembro de 1974. Numa época marcada por grandes convulsões, voltou a passar pelo Estado-Maior da Armada (8 de junho a 6 de agosto e 21 de setembro a 12 de dezembro de 1974). Neste período conturbado, foi Comandante da Base Naval de Lisboa (25 de setembro de 1974 a 17 de março de 1975); subdiretor do Museu de Marinha (19 de maio a 21 de agosto de 1975); e Diretor do Museu de Marinha (8 de outubro de 1975 a 10 de março de 1976).

Em virtude de razões do foro familiar, passou à situação de reserva, por opção própria, a 25 de março de 1975. Atendendo à época conturbada em que se vivia, o país e a Marinha não podiam dar-se ao luxo de dispensar a sua vasta experiência, os seus valiosos conhecimentos e, sobretudo, a sua firme liderança, razões que estiveram na base do diploma do Conselho da Revolução que, a título excepcional, abriu caminho à sua reintegração na Marinha, a 16 de janeiro de 1976. Promovido a comodoro a 8 de março desse ano, foi Superintendente dos Serviços de Pessoal da Armada, entre 10 de março e 16 de setembro de 1976, altura em que ascendeu ao posto de contra-almirante. Quatro dias depois, assumia o cargo de Vice-chefe do Estado-Maior da Armada (Vice-CEMA), que desempenhou cerca de dois anos, até 25 de setembro de 1978, durante o qual foi promovido a vice-almirante. Com efeito, foi o primeiro vice-almirante a exercer as funções de Vice-CEMA, num período que se revelou crucial para o futuro da Marinha.

Em julho de 1976, ainda antes de serem fixados os quadros do Instituto de Defesa Nacional, foi-lhe confiada a preparação e apresentação das conferências e exposições ministradas aos cursos de instituições congêneres estrangeiras, que se deslocavam a Lisboa.

Apesar de contar já uma folha de serviços a diversos títulos notável, o país reservava-lhe ainda as mais altas funções, para as quais, diga-se, o Vice-almirante Silva Horta se encontrava particularmente habilitado. Por conseguinte, depois de cessar funções como Vice-CEMA, a 11 de setembro de 1978 assumiu o cargo de Ministro da República para a Região Autónoma dos Açores, que desempenhou durante cerca de cinco anos, até 28 de abril de 1981. Para o cumprimento daquelas exigentes funções, muito terá contribuído a experiência que granjeou nos cargos que ao longo da sua carreira desempenhou nas antigas províncias ultramarinas.

Oficial culto e conciliador, mas muito determinado, encontrava-se, pela experiência entretanto adquirida, particularmente bem prepa-

rado para compreender as recentes questões e desafios colocados pela autonomia dos Açores, que havia sido consagrada na nova Constituição. Neste contexto, importa sublinhar o seu eficiente empenho, simultaneamente firme e discreto, que tornou possível, sem grandes atritos, a transferência dos serviços perifé-



O livro da Sagres da autoria do VALM Silva Horta.

cos do Estado para a tutela daquela Região Autónoma, contribuindo, assim, para dirimir os conflitos institucionais que datavam do tempo do seu antecessor. Cumpre sublinhar que, enquanto Ministro da República para os Açores, e tendo em conta a instabilidade que o



O VALM Silva Horta na última vez que esteve a bordo do navio-escola Sagres, a 8 de fevereiro de 2011, ladeado pelos Comandantes Martins e Silva e Proença Mendes.

país então vivia, o Vice-almirante Silva Horta teve assento em cinco governos. Todos eles, sem exceção, lhe renovaram sucessivamente a confiança, sendo ainda de realçar o facto de através do decreto presidencial n.º 83-A/81, de 7 de julho, ter sido nomeado para presidir à Comissão Consultiva para os Assuntos das Regiões Autónomas.

Transitara, entretanto, para a situação reserva a 21 de setembro de 1979, aos 59 anos de idade, facto que não o impediu de continuar a prestar ao país os mais elevados e relevantes serviços. Com efeito, após terminar as funções de Ministro da República para os Açores, assumiu ainda, a convite do Presidente da República, General Ramalho Eanes, durante o seu segundo mandato, a chefia da Casa Militar da Presidência, entre 28 de abril de 1981 e 10 de março de 1986. Foi, de resto, o único oficial da Marinha que nestes quase 40 anos exerceu aquele cargo.

Depois de deixar a Presidência da República, foi Presidente da Comissão Nacional Contra a Poluição no Mar, entre abril de 1986 e outubro de 1990. Neste cargo, que exerceu até se reformar, foi eleito vice-presidente das Comissões Internacionais de Paris e de Londres, sendo a última de âmbito mundial.

Reformou-se a 21 de setembro de 1990, quando completou 70 anos de idade, depois de prestar 50 anos de serviço efetivo.

A 11 de maio de 1988 tornou-se membro efetivo da Academia de Marinha, na Classe Artes, Ciências e Letras, e foi vogal da respectiva comissão científica entre 12 de dezembro de 1991 e 1 de abril de 1992.

Como escritor, atividade que apreciava particularmente, dedicava-se especialmente a assuntos militares, navais e de política internacional, tendo espalhado a sua colaboração por diversos títulos, designadamente, nos *Anais do Clube Militar Naval*, na *Revista Militar*, na revista *Defesa Nacional*, na revista *Panorama* e na revista *Olissipo*, sob a forma de artigos, estudos e crónicas. Sócio da *Revista Militar* desde 1969, foi, durante muitos anos, colaborador assíduo da revista *Defesa Nacional* e dos *Anais do Clube Militar Naval*. Diretor da Comissão de Redação dos *Anais* em 1976, foi responsável pela «Crónica Internacional» durante 27 anos, entre 1964 e 1990, tendo publicado um total de 109 artigos, que se estenderam por quase 800 páginas! Em 1969 foi distinguido com o prémio *Almirante Barroso*.

É igualmente da sua autoria o texto do livro *Navio Escola Sagres nas Rotas do Mundo* (1990), cujas fotografias são do conhecido fotógrafo Homem Cardoso. Traduziu ainda um número apreciável de livros, versando assuntos de matemática, história, evolução tecnológica, guerra subversiva e política, tendo igualmente realizado inúmeras conferências sobre temas como a guerra em Angola, a política açoriana e política internacional.

Depois de uma vida plena, quis o destino que o Vice-almirante Henrique Afonso da Silva Horta nos deixasse, aos 91 anos, no passado dia 29 de janeiro. Escassos dez

dias depois, a 8 de fevereiro, celebravam-se os 50 anos do aumento do NRP *Sagres* ao efetivo aos navios da Marinha Portuguesa e da data em que pela primeira vez foi içada a bordo a bandeira de Portugal, mas também o cinquentenário da sua tomada de posse como primeiro comandante do navio. Esteve pela última vez a bordo do «seu navio» no dia 8 de fevereiro de 2011, para um almoço que juntou os antigos comandantes, por ocasião do 49.º aniversário do navio-escola *Sagres*. No final, o Vice-almirante Silva Horta escreveu no *Livro de Honra* as palavras abaixo transcritas, que os demais antigos comandantes subscreveram:

«Voltar à “SAGRES” é recordar belas horas da minha vida passada. Faz doer mas é muito bom. Que todos os que por aqui passaram retenham as mesmas maravilhosas recordações que eu guardo, são os meus votos».

Como que antecipando a sua despedida, no passado dia 8 de julho de 2011 o Vice-almirante Silva Horta esteve igualmente no EMA, a convite do Vice-CEMA, Vice-almirante João da Cruz de Carvalho Abreu, conjuntamente com outros antigos titulares deste cargo, onde assistiu à sessão evocativa da figura do Vice-almirante Manuel Pereira Crespo, cujo nome foi por essa altura atribuído ao auditório do EMA.



O Vice-almirante Silva Horta.

Em homenagem à memória de um dos mais proeminentes oficiais, que durante cinco décadas prestou os mais relevantes serviços à Marinha e ao país, o Vice-CEMA tomou a decisão de atribuir o nome do Vice-almirante Silva Horta à sua sala de reuniões no EMA.

No prefácio ao livro *Sagres, Construindo a*

*Lenda*, com o qual muito nos honrou, o Vice-almirante Henrique Afonso da Silva Horta afirmava:

«Nas duas *Sagres* que conheci na minha vida de Marinheiro, estive nelas embarcado cerca de dez anos. Na primeira percorri todas as funções de cadete a Comandante, durante cinco anos. Na segunda estive outro tanto tempo, como Comandante. Foram sem dúvida os melhores anos dos cinquenta que vivi na *Marinha*».

Demonstrava, assim, mais de quarenta anos volvidos desde que deixara o comando do NRP *Sagres*, a enorme saudade e especial afeição que nutria pelo navio. No ano em que se celebram os seus 75 anos e os 50 que leva com a bandeira de Portugal, consideramos que as palavras de Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004), e que propositamente escolhemos para concluir este artigo de homenagem ao Vice-almirante Henrique Afonso da Silva Horta (1920-2012), parecem ser-lhe dedicadas:

*Através do teu coração passou um barco  
Que não para de seguir sem ti o seu caminho*

CFR António Manuel Gonçalves  
Membro do CINAV

#### Notas

<sup>1</sup> Vice-almirante Silva Horta (1990).

CONDECORAÇÕES	ALGUNS DOS TRABALHOS PUBLICADOS																				
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cruz de 1.ª Classe da Ordem do Mérito Naval (Espanha – 1949)</li> <li>- Cavaleiro da Ordem Militar de Avis (1952)</li> <li>- Oficial da Ordem Militar de Avis (1954)</li> <li>- Medalha Comemorativa das Campanhas do Exército Português no Estado da Índia 1955/57 (1958)</li> <li>- Comendador da Ordem do Infante D. Henrique (1961)</li> <li>- Comendador da Ordem Militar de Avis (1961)</li> <li>- Medalha de Mérito Militar de 2.ª classe (1961)</li> <li>- Oficial da Ordem do Mérito Naval (Brasil – 1962)</li> <li>- Medalha de prata da Ordem do Mérito Santos Dumont (Brasil – 1964)</li> <li>- Cavaleiro da Ordem de Mérito Aeronáutico (Brasil – 1964)</li> <li>- Medalha de Mérito Tamandaré (Brasil – 1965)</li> <li>- Medalha Militar de Serviços Distintos de Prata (1965)</li> <li>- Medalha Comemorativa das Campanhas das Forças Armadas – Norte de Angola 1965-67 (1967)</li> <li>- Medalha Militar de Serviços Distintos de Ouro com Palma (1967)</li> <li>- Medalha Militar da Classe de Comportamento Exemplar (1972)</li> <li>- Medalha Comemorativa das Campanhas das Forças Armadas – Ultramar 1972-73 (1973)</li> <li>- Medalha de Mérito Militar de 1.ª classe (1978)</li> <li>- Comendador da Ordem da Legião de Honra (França – 1982)</li> <li>- Grã-Cruz da Ordem de Santo Olavo (Noruega – 1982)</li> <li>- Grã-Cruz da Ordem da Bandeira (Hungria – 1982)</li> <li>- Grã-Cruz da Ordem do Mérito (Itália – 1982)</li> <li>- Medalha Naval de Vasco da Gama (1983)</li> <li>- Grã-Cruz da Ordem do Mérito Melitensi (Malta – 1983)</li> <li>- Grã-Cruz da Ordem da Bandeira (Jugoslávia – 1983)</li> <li>- Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo (1983)</li> <li>- Grã-Cruz da Ordem da Fénix (Grécia – 1983)</li> <li>- Ordem do Falcão (Islândia – 1983)</li> <li>- Comendador da Ordem do Mérito (Congo – 1984)</li> <li>- Grau da 1.ª Classe da Ordem de Mérito (Egipto – 1984)</li> <li>- Grã-Cruz da Ordem de Leopoldo II (Bélgica – 1985)</li> <li>- Grã-Cruz das Ordens do Mérito (Áustria – 1985)</li> <li>- Grã-Cruz da Ordem de Adolfs de Haussau (Luxemburgo – 1985)</li> <li>- Grã-Cruz da Ordem de Denebrog (Dinamarca – 1985)</li> <li>- Grande Oficialato da <i>Royal Victorian Order</i> (Reino Unido – 1986)</li> <li>- Grã-Cruz da Ordem Militar de Aviz (1986)</li> <li>- Medalha Comemorativa do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique (1988)</li> <li>- Grã-Cruz da Ordem do Mérito (Congo – 1988)</li> <li>- Grã-Cruz da Ordem Nacional (Zaire – 1989)</li> <li>- Medalha da Cruz Naval 1.ª Classe (1990)</li> </ul>	<p>«Crónica Internacional», <i>Anais do Clube Militar Naval</i>, 1964-1990.</p> <p><i>N. E. Sagres nas rotas do mundo</i>, Lisboa, INAPA, 1990.</p> <p><i>Condução e instrução do pessoal: curso do 2.º grau de manobra</i>, Escola de Marinharia da Armada, 1961.</p> <p><i>Poluição marítima</i>, Lisboa, Instituto Hispano-luso-americano, 1985.</p> <p><i>Marinha de Guerra: ramo das Forças Armadas</i>, Lisboa, Academia de Marinha, 1990.</p> <p>«Vasco da Gama e a cartografia náutica», <i>Panorama</i>, n.º 31, 1969.</p> <p>«O lisboeta Gago Coutinho – Marinheiro, aviador e geógrafo», <i>Revista de Marinha</i>, n.º 561, dezembro de 1969, pp. 21-30.</p> <p>«A “Sagres” nas regatas Lisboa-Bermudas», <i>Anais do Clube Militar Naval</i>, n.º 94, 1964, pp. 923-928.</p> <p>«Para uma programação da carreira naval», <i>Anais do Clube Militar Naval</i>, n.º 102, 1972, pp. 569-571.</p> <p>«Para uma marinha com navios», <i>Anais do Clube Militar Naval</i>, n.º 104, 1974, pp. 351-357.</p> <p>«Navegação à vela», <i>Anais do Clube Militar Naval</i>, n.º 112, 1982, pp. 345-348.</p> <p>«O mundo nos últimos trinta anos», <i>Anais do Clube Militar Naval</i>, n.º 127, pp. 667-678.</p>																				
	PROMOÇÕES																				
	<table border="0"> <tr> <td>Cadete</td> <td>16 de setembro de 1940</td> </tr> <tr> <td>Guarda-marinha</td> <td>16 de setembro de 1943</td> </tr> <tr> <td>Segundo-tenente</td> <td>16 de setembro de 1944</td> </tr> <tr> <td>Primeiro-tenente</td> <td>31 de março de 1953</td> </tr> <tr> <td>Capitão-tenente</td> <td>24 de maio de 1959</td> </tr> <tr> <td>Capitão-de-fragata</td> <td>26 de maio de 1966</td> </tr> <tr> <td>Capitão-de-mar-e-guerra</td> <td>1 de março de 1973</td> </tr> <tr> <td>Comodoro</td> <td>8 de março de 1976</td> </tr> <tr> <td>Contra-almirante</td> <td>15 de setembro de 1976</td> </tr> <tr> <td>Vice-almirante</td> <td>2 de junho de 1977</td> </tr> </table>	Cadete	16 de setembro de 1940	Guarda-marinha	16 de setembro de 1943	Segundo-tenente	16 de setembro de 1944	Primeiro-tenente	31 de março de 1953	Capitão-tenente	24 de maio de 1959	Capitão-de-fragata	26 de maio de 1966	Capitão-de-mar-e-guerra	1 de março de 1973	Comodoro	8 de março de 1976	Contra-almirante	15 de setembro de 1976	Vice-almirante	2 de junho de 1977
Cadete	16 de setembro de 1940																				
Guarda-marinha	16 de setembro de 1943																				
Segundo-tenente	16 de setembro de 1944																				
Primeiro-tenente	31 de março de 1953																				
Capitão-tenente	24 de maio de 1959																				
Capitão-de-fragata	26 de maio de 1966																				
Capitão-de-mar-e-guerra	1 de março de 1973																				
Comodoro	8 de março de 1976																				
Contra-almirante	15 de setembro de 1976																				
Vice-almirante	2 de junho de 1977																				